

Journal de Brasil. 6/4/2001

DO Samba ao hip hop

Paula Lima se lança em carreira solo e nos dá uma inédita de Ben Jor

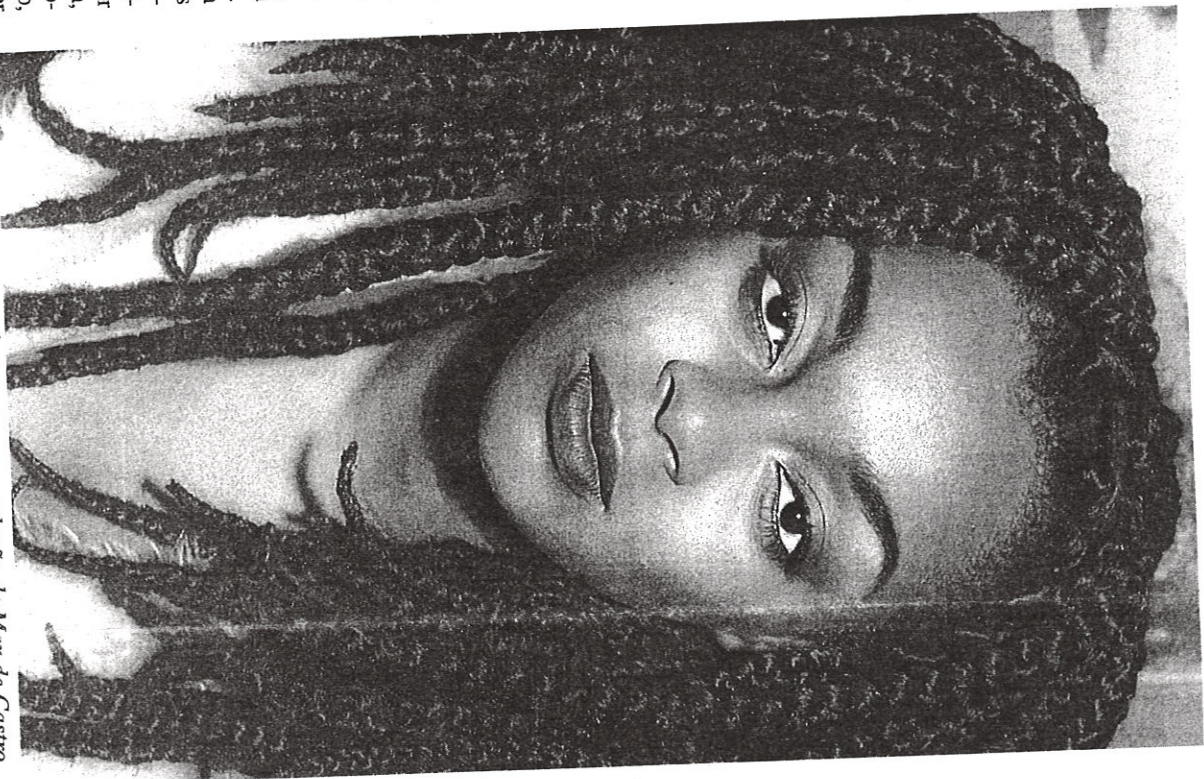
Divulgação

ADILSON PEREIRA

Depois de virar paixão dos paulistas como cantora do Funk Como Le Gusta (trupe que pretende continuar integrando), Paula Lima chega ao primeiro CD solo, *E isso aí*. São boas as chances de agora conquistar não só os cariocas, mas o país todo. O trabalho tem produção do bambambã Max de Castro, que cuida de 11 das 13 faixas. As outras duas ficam com Ed Motta, que também participa como cantor e instrumentista. Entre outros convidados, Gerison King Combo, Seu Jorge e o rapper Xis. Na lista de pérolas, a faixa-título, um delicioso samba-rock feito por Sidney Muller, e uma inédita de Jorge Ben Jor: *A paz dançando na avenida*.

"Sempre adorei pesquisa musical, sou capaz de ficar cinco horas numa loja de CDs, ouvindo coisas. E cresci ouvindo samba e jazz. O repertório reflete isso. Neste disco não mergulhei mais no samba porque ele chegou até mim de uma forma muito fácil. Mas quem levou o samba para o Funk Como Le Gusta fui eu", diz Paula Lima, que, além do samba-rock de Muller, colocou em *E isso aí* um samba-puro-sangue, *Cirandar*, de Martinho da Vila e João de Aquino.

Mas o repertório do disco privilegiava mesmo o universo da *black music*, porque a cantora sempre gostou da estética setentista do funk e do r'n'b. Universo que facilita o exercício da sensualidade, uma das armas usadas por Paula para ter aquela presença toda no palco. Arma, segundo ela, usada com comedimento. "Tenho pavor de exageros", justifica-se a moça, que, em *Sem pressa*, tem o seu momento mais descontraído, mais solto, mais sensual do disco. O fato de ter



das explicações para isso. E considerar-se uma compositora em início de carreira é a explicação para que só uma exclusivamente sua tenha entrado na bolacha.

Entretanto, há o dedo de Paula noutras composições. *Perdão talvez*, por exemplo, ela fez com Ed Motta e Bernardo Vilhena. "Sempre dizia ao Ed que quando fosse gravar ia querer a ajuda dele. Quando surgiu o convite para o disco, fui atrás. Ele me mostrou essa música, mas não tinha letra. Bernardo Vilhena ouviu, ficou apaixonado, e aí fizemos a letra", diz Paula. Ed Motta participa dessa faixa, que tem letra começando assim: "Errei, te ameii/ Eu nunca divideii/ Eu não, penseii/ Quem sabe o que passeii".

Outro ingrediente que Paula considerava importante para seu disco era Jorge Ben Jor. "Jorge me ouviu interpretando algumas músicas suas e ficou encantado. De algumas ele nem se lembrava. Quando veio a São Paulo, acabamos nos conhecendo e ele deu uma canja em um show meu, cantando sete músicas. Depois, participou de algumas coisas com o Funk Como Le Gusta. Quando chegou a hora de gravar o meu disco, ia entrar uma música antiga dessas, mas perguntei por uma inédita e ele ofereceu *A paz dançando na avenida*", explica a cantora.

Ela aproveitou o carinho do ídolo para flertar com o hip hop: "Quando surgiu a música do Ben Jor, falei com o Max que estava sentindo falta de um toque de hip hop no CD. Max, então, arranjou tudo já pensando nisso. Conheci o Xis através de Thaide e DJ Hum, numa noite *black* em São Paulo. Quis que ele participasse porque considero um artista de talento. O hip hop é parte importante da minha formação."

Re
vol
CI

"Hoje
comenc
naldo R
e é uma
co, Ao
de 14 fã
da a coi
de insp
artista n
quiso n
da vida
sua opp
clarand
ca em
ce ter c
para fa
diadas c
mo pos
ser me
Ap
não que
rechea
clima
"Nos
ha en
"Que
o pri
Antes
reca
cou r
com r
precis
El
uma
rosto
é terr
ante
antec
Bras
e ele
vo.
meu
que
esse
ness
lá c

Paula Lima está lançando *E isso aí*, com produção de Max de Castro

A diva que transforma Caymmi em funk

Paula Lima, que faz show hoje no Rio, diz que tem vocação para cantar regravações como se fossem inéditas

LUCIANO RIBEIRO

Se no primeiro disco, lançado em 2001, Paula Lima ousou

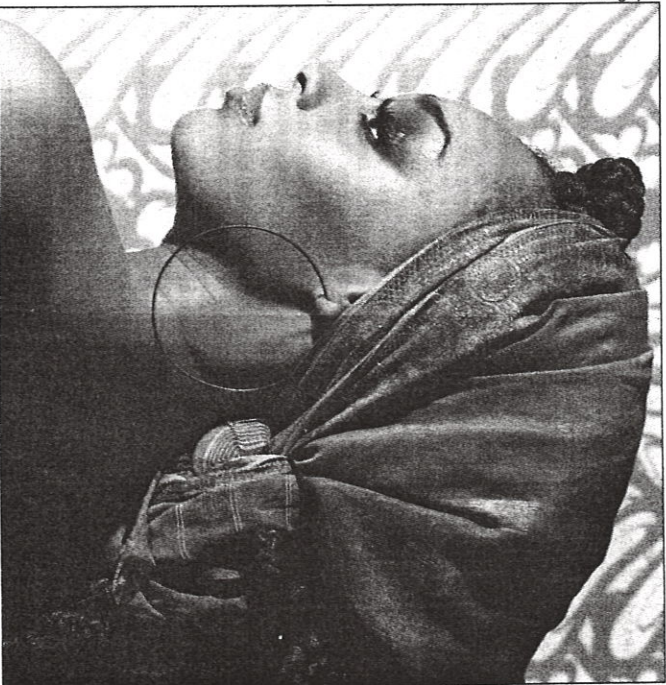
transformar em funk o ótimo criador de canções Sidney Miller, de identidade com digressões buarquianas, no mais recente álbum, homônimo da cantora, ela mergulha mais fundo na proposta e injeta balanço em *Valerá a pena*, de Dorival Caymmi, o ourives mais preciso da canção brasileira. A música já tinha sido gravada por Nana, no álbum *Voz e suor*, em parceria com o pianista Cesar Camargo Mariano.

—Estava fazendo arranjos de *Gafieira S.A. (de Seu Jorge, que abre o álbum)* junto com o Marcos Xuxa Levy, quando ele me mostrou o Caymmi. Ouvi duas vezes, fiquei com ela na cabeça

e decorei a letra. Era perfeita para o disco, porque tenho esse lado de mostrar regravações como se fossem inéditas — diz Paula.

A versão, longe dos padrões caymminianos, será mostrada no show de hoje, no Caneção. É a primeira vez que Paula Lima se apresenta numa casa deste porte (mais de 2 mil lugares) no Rio. Ela já havia cantado num lotado Ballroom, no Humaitá, como crooner do grupo paulista Funk Como Le Gusta, e em 2002 fez, sozinha, dois dias no Teatro Rival, com lotação esgotada, para mostrar o álbum de estréia *Essa aí*, gravado pelo Regata (o selo do letrista e produtor Bernardo Vilhena, que investiu num catálogo de *black music nacional*). Na sua prova de fogo, Paula diz estar segura, amparada nas críticas favoráveis que tem recebido..

Divulgação



PAULA LIMA: diante de um grande público pela primeira vez

— O primeiro disco é o mais difícil e o trabalho com a Regata foi ótimo. Agora é uma nova fase, pela primeira vez estou numa multinacional (Universal) e a responsabilidade é maior. Mas faço o que sempre quis: músicas funkeadas pesadas, geralmente, no rico repertório brasileiro — conta Paula.

O novo disco traz outra gravação de *Meu guarda-chuva*, de Jorge Ben Jor, já cantada por ela no álbum *Roda de funk*, de 1999, do Funk Como Le Gusta. A música, que ganhou roupa-gem na medida para agradar aos fãs, virou seu principal hit. Do mesmo Ben Jor, Paula pinçou *Bom mesmo é amar*, do LP *Big Ben* (1965), resgatou a dupla Lincoln Olivetti (que fez arranjos no CD) e Robson Jorge,

com o charme *Foi par e Estou livre*.

O disco traz ainda vindas surpresas *Pac e Quatro*, ambas do cogenio Dale, de 40 a que começou a cartreca como bailarino, já arranjou músicas patogrosso e Sergio Meira desponta como c de acento funk.

— Tomei um susto nheci o Eugênio. A fosse um negão, pois posições têm todo dentes da boa black guei duas para graque se isso der uma carreira já terá vala lançar o disco — diz F

O DIA
5/4/2001

Primeiro disco feito com pose de veterana

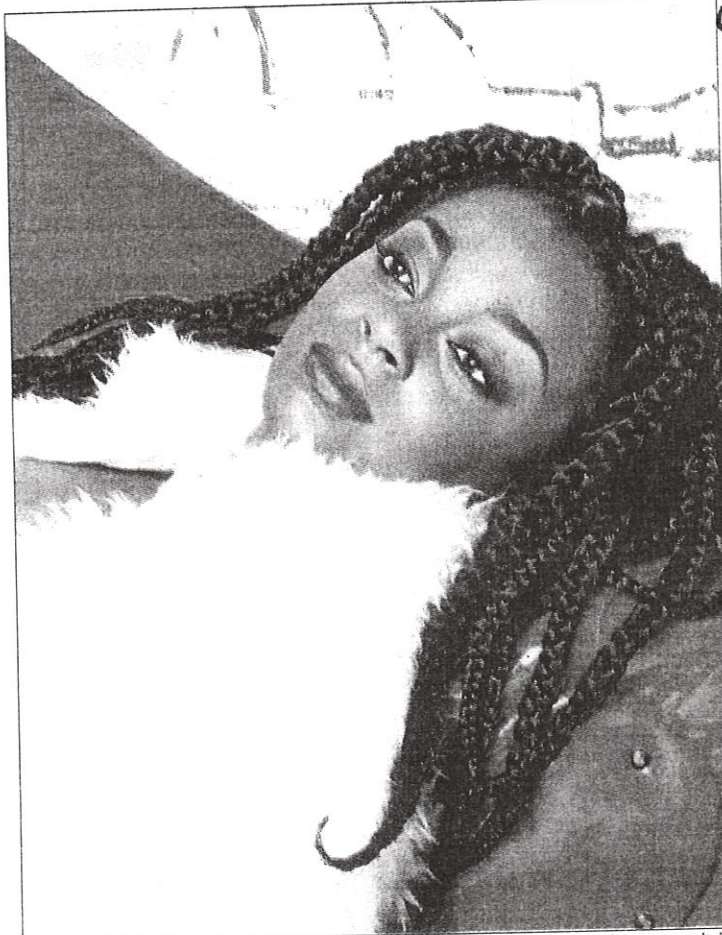
Paula Lima, do Funk Como Le Gusta, lança CD com participação de Ed Motta, Ivo Meirelles e Banda Black Rio

EUSÉBIO GALVÃO

E Isso Aí é o primeiro disco de Paula Lima. Mas a moça não é réu primária, pelo contrário. A ficha corrida da cantora é grande, e entre os antecedentes estão a banda Unidade Bop, colaboração com Thaide e DJ Hum, participação no CD **23**, de Jorge Ben Jor. É dela também o vozeirão que ajuda o Funk Como Le Gusta a ser uma das melhores bandas brasileiras no momento.

Com esses "delitos" cometidos desde 92, pode-se dizer que Paula Lima cometeu **É Isso Aí** com requintes de crueldade. Um disco de funk bem feito, suingue competente, balanço gostoso. Não tão rasgado quanto o som do FCLG. "O que faço no Funk Como Le Gusta já faço, beleza. Queria algo um pouco diferente, mostrar um outro lado. É legal as pessoas saberem que você tem outras possibilidades", explica Paula.

Não é todo mundo que estréia em disco com tantos comparsas de gabarito. A quadrilha tem gente como Gérson King Combo, o rapper Xis, a Banda Black Rio, Cláudio Zolli, Ivo Meirelles e até o



DONA de bela voz, Paula Lima estréia com convidados muito especiais

eu tô te vendo de perto'. Fiquei sem graça, disse para ele parar com aquilo", encabula-se. Dessa cena surgiu a amizade. "Hoje em dia nos falamos pelo menos uma vez por semana", revela.

Ed Motta foi outro ídolo que virou camarada. Tanto que deu duas músicas para o disco: **Per-**

de um convidado. Max de Castro, amigo de décadas, assumiu a produção. "Até achei que ele não fosse estar disponível", diz. Outro que merece seda rasgada é Seu Jorge, que assina três músicas - "Fiquei apaixonada". Uma delas é **Quero Ver Você No Baile**, a melhor do disco, com instrumental da Black Rio. Daqui a pou-

DIVULGAÇÃO

1602/4/5 - Vito

Da.

CRÍTICA / DISCO

Os herdeiros do funk e do soul

CDs de Ed Motta e Paula Lima são ramos do gênero lançado no Brasil por Tim Maia

TÁRIK DE SOUZA
CRÍTICO DO JB

A escola do soul/funk brasileira fundada pelo síndico Tim Maia cresceu e ramificou-se. Seu sobrinho, o carioca Ed Motta tomou a trilha do requinte harmônico, costeou a MPB e o jazz e retorna à sintaxe inicial no novo CD *Poptical* (Trama). Claro que é um retorno de quem fez a viagem e trouxe lições e sotaques da travessia. Já a paulistana Paula Lima, que estudou piano clássico dos 7 aos 17 anos e queria ser advogada, decolou como crooner do grupo Funk Como Le Gusta e sempre jogou mais para as pistas de dança. No recém-lançado *Paula Lima* (Universal) este departamento volta a receber o maior número de acenos. Mas a cantora não se limita ao trivial ligeiro. Há incursões em gêneros e *grooves* adjacentes e até algumas tentativas de fusão, que sinalizam a inquietação estética da intérprete e da produção, do veterano Guto Graça Melo. Na verdade, seu disco funciona quase como um mapa do que Sandra de Sá e alguns novos cultores chamam de MPB (Música Preta Brasileira), rótulo incompleto que omite a porção afro-americana da mistura.

'Poptical' traz lições das diversas incursões musicais de Ed Motta

O patriarca Tim Maia é evocado no funk lento *Foi para o seu bem* (que ele gravou no disco *Reencontro*, de 1979). O arranjo e a programação são do reaparecido Lincoln Olivetti, o autor sobrevivente da dupla com Robson Jorge. Sua mão pesada de padronizador alvejada nos discos de meia MPB na era do fastio nos 80) enquadra *Estou livre*, da

mesma dupla com outro soulman atuante nos primórdios, Toni Bizarro. Duas versões simétricas externam o lado crooner de Paula: *O olhar do amor* (*The look of love*, do hypado Bacharach) e *Serenata ao luar* (*Moonlight serenade*, clássico da big band de Glenn Miller). Ela também investe no novo, como no onomatopáico *Pactocombaco*, com percussão de boca do autor, Eugênio Dale, que arrisca a conexão "Luanda-Pelô-Harlem-Mangureira" em *Quatro*. E desenterra num compasso mais para a bossa um velho sambacção de Caymmi, de 1955, *Valerá a pena*.

Outros dois garimpos se destacam, *Meu guarda-chuva*, número de fé do Funk Como Le Gusta que o autor, Jorge Ben Jor, nunca gravou e uma pérola obscura de ele, *Bom mes-*

groove bom/ a mulherada pirava no pancadão, sob cama de teclados Fender Rhodes de William Magalhães, continuador da Banda Black Rio. Piano Rhodes não falta a *Poptical*, a ilusão (mais auditiva que ótica) de que Ed Motta pratica música *pop tout*

mo é amar, do disco *Big Ben*, de 1965, num arranjo esplêndido de Walmir Borges. Fervia nas internas da bossa a discussão sobre letras engajadas *versus* a ala do "amor, sorriso e a flor". Jorge tomou partido, ainda que de forma sutil. Vocal poderoso, educado e flexível, Paula também



ED MOTTA

exibe punho autoral em *Sou guerreira*: "eu sou bacana/ pro que der e vier/ mas não pense/ que por isso vou dar mole/ porque sou mulher". A faixa é uma parceria com Zé Ricardo e Seu Jorge, o fornecedor da abertura paradidática, *Gafieira S.A.* (DJ botava o som/ ai, que

como as safras de vinho, outra de suas taras. Cercado por uma população ilustre de letristas (Nelson Motta, Adriana Calcanhotto, Daniel Carlinho, Ronaldo Bastos, Jair Oliveira, Chico Amaral, Zélia Duncan e mais Jean Paul "Bluey" Maunick, do inglês Incognito) ele viaja por gêneros e climões. Arquivava o dialeto ("só não venha me dizer/ que você não entende *edmotês*", ironiza em *Eu avisei*, funk com tempero de bolero) e canta em inglês em várias faixas, o que abre espaço ao CD para vãos internacionais. Vai da balada (*The rose that came to bloom*) ao funkão gingado (*Que bom voltar*, *Coincidência*), valsa dissonante (*Rainbow's end*), bolero envenenado em atmosfera lounge (*Pra se lembrar*) e até o velho gênero cultivado por Custódio Mesquita no *Fox do detetive*. Tudo laqueado por tinturas jazzy, que conferem ao receituário normalmente ralo do funk/pop o sortilégio do assim é se lhe parece.

Cantora acena para as pistas, mas não se limita ao trivial

A ideia era escrever esta coluna no ônibus, mas a bagunça era grande demais (e o cheiro de cerveja e urina também). Eu havia levado a brilhante coluna de Contardo Calligaris (*Você está preparado para morrer*) e uma coletânea das peças de Sarah Kane e estava preparado para escrever algo a respeito do nosso fascínio em torno de jovens poetas e autores que se suicidam. Sarah Kane e Thomas Bernhard são alguns exemplos. A obra dela, na verdade, não ultrapassa a chatisse do ultra-realismo inglês que lida com a luta de classes, com a situação da intolerância familiar, com a incomunicabilidade entre seres humanos nessa ilha que Shakespeare, muito humoradamente, chamou "a terra de loucos" em seu *Hamlet*. Mas, logo que Kane se suicidou, ela virou outra coisa. Já a compararam a Beckett e coisa que o valha, o que é um tremendo absurdo. Beckett inventou um universo, que vai da cor usada em cena até a ausência das palavras, ou a ausência deliberada de símbolos (mas que *los hai los*



GERALD THOMAS

Dança da morte

LONDRES - Sim, é a peça do Strindberg, com Sir Ian McElen no papel principal, que me passa pela janela do ônibus. Estou sentado no segundo andar, numa sexta-feira quente e agitada, 25 graus, e o centro de Londres, desde Leicester Square até os buracos mais cavernosos do Soho, estão abalroados de pessoas. Nunca vi tanta gente na rua. Não há espaço para respirar. Parece carnaval no Rio. Todos com copos de meio litro de cerveja na mão e os corpos meio desnudados me deixam bastante erotizado.

Quem disse que Londres é um lugar frio onde as pessoas não se calam? Talvez essa fosse a imagem da Britânia do antigo império. Não é o caso desse *Blade Runner* que se vê hoje aqui. Tendo vivido os últimos 25 anos da minha vida em Nova York, posso dizer com toda a certeza que o centro da baderna é aqui.

São turbantes de todas as cores, gente de todas as raças, jovens de todas as peles, pernas de todas as sensualidades. São grupos de todas as línguas (que se roçam) que pulam para cá do continente e vêm se esbaldar aqui (meio parecido com Amsterdam). Nunca vi tanta gente ligada, bêbada, enlouquecida, como nesse último fim de semana tropical. Nossa!

No ônibus, um bêbado tentava pagar sua passagem.

Cobrador - Uma libra e 20, por favor.
Bêbado - Subi faz duas paradas.

Cobrador - Não. O senhor está aqui desde Knightsbridge, portanto, me deve uma libra e 20.

Bêbado - Seu paquistanês de m.....! Subi ago-gora mes-s-smo (gulp!). Volta pra porcaria do seu país terrorista!

O sangue do racismo sobe na hora. Me deu medo. Olhei em volta. Metade da população do ônibus era ou indiana/paquistanesa ou árabe. Mas o cobrador foi um *gentleman* e o bêbado acabou expulso.

A ideia era escrever esta coluna no ônibus, mas a bagunça era grande demais (e o cheiro de cerveja e urina também). Eu havia levado a brilhante coluna de Contardo Calligaris (*Você está preparado para morrer*) e uma coletânea das peças de Sarah Kane e estava preparado para escrever algo a respeito do nosso fascínio em torno de jovens poetas e autores que se suicidam. Sarah Kane e Thomas Bernhard são alguns exemplos. A obra dela, na verdade, não ultrapassa a chatisse do ultra-realismo inglês que lida com a luta de classes, com a situação da intolerância familiar, com a incomunicabilidade entre seres humanos nessa ilha que Shakespeare, muito humoradamente, chamou "a terra de loucos" em seu *Hamlet*. Mas, logo que Kane se suicidou, ela virou outra coisa. Já a compararam a Beckett e coisa que o valha, o que é um tremendo absurdo.

Beckett inventou um universo, que vai da cor usada em cena até a ausência das palavras, ou a ausência deliberada de símbolos (mas que *los hai los*



PAULA LIMA: mapeamento da chamada Música Preta Brasileira

Ed Motta e Paula Lima se cruzam em rotas opostas

Andando em rotas diversas, Ed Motta e Paula Lima se cruzam no novo disco *Amulho* de 2003.

Experimentadora de soul, funk, jazz, samba, samba-rock e bossa nova, Paula Lima, 32, faz o pulo do mercado independente para a grande Universal Music ao lançar seu segundo álbum solo.

No salto, cruza com o ícone jovem de soul, funk, jazz, bossa nova e MPB Ed Motta, 31, que continua sua trajetória da mesma Universal pela independência Trama, em que estreia com "Poptical", o primeiro álbum da gravadora. Motta, que durante anos aforou o lugar de filósofo artístico da Trama, se surpreende não com a virada, mas com seus formatos.

"Consegui realizar coisas inacreditáveis numa grande gravadora, como um CD jazzístico instrumental [Dwiza, 2002], com mudança radical. A estrutura realmente mudou, mas encontrei pessoas muito a fim de trabalhar em conjunto, espontâneas".

Diz que não perdeu liberdade criativa na transição. "O controle artístico é meu, embora obviamente esteja trabalhando com pessoas experientes".

Os discursos de Motta e Lima se distanciam no aspecto crítico. Ele concentra restrições à sua própria classe, ao comparar sua postura

artística com a de colegas.

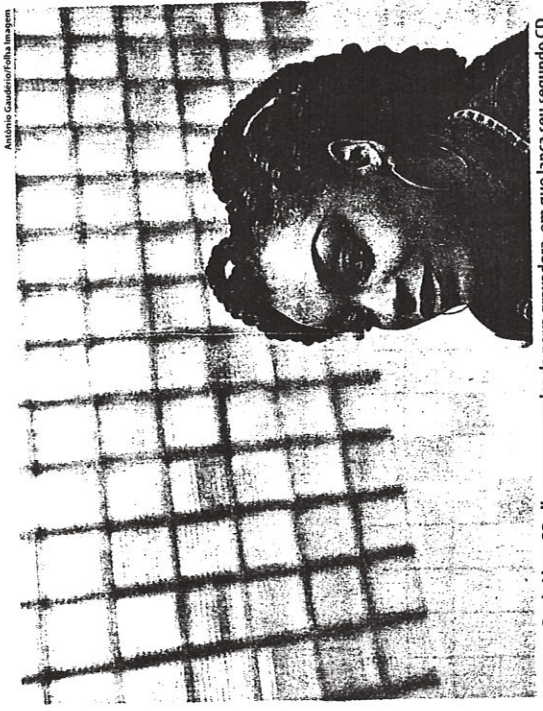
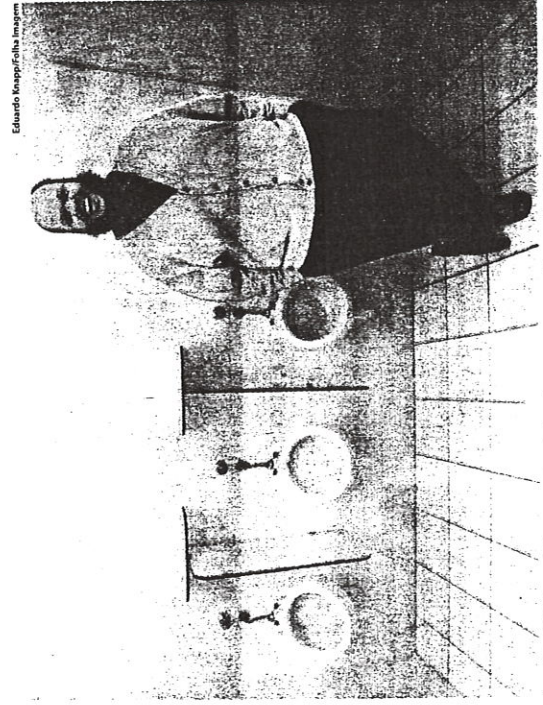
"Observo que a discussão entre artistas hoje é sempre relativa à grama, a direito autor. Não escuto as pessoas falarem sobre a parte artística das gravações, sobre o quanto ridículo e deprimente é gravar disco acústico ao vivo, fulano interpreta Carroll...", dispara.

Fala então sobre Lincoln Olivetti, tecladista hegemônico nos anos 80 que faz arranjos para três faixas de seu CD: "Reverência".

Lincoln, amo toda a sua obra. Ele foi controverso na sua época, mas com isso não tenho a ver. Quero o groove dele, o baixo, aquele sintetizador de que nem sei o nome".

(PEDRO ALEXANDRE SANCHES)

Paula Lima, que do primeiro disco para o novo trocou o jovem produtor Max de Castro pelo veterano Guto Graça Mello, fala em favor da conciliação. "Tenho um lado nostálgico, adorei conhecer Guto, um cara que trabalhou com Caetano, Bethânia, até Sandy & Junior", inicia.



O músico Ed Motta, 31, posa no banheiro de sua nova gravadora, pela qual lança o CD "Poptical"

A cantora Paula Lima, 32, divaga nas escadas da nova gravadora, em que lança seu segundo CD

"POPTICAL"

Humor irônico reaparece de mansinho

DA REPORAGEM LOCAL

"Poptical" parece iniciar um processo de reajuste entre Ed Motta e sua obra, e é promissor exatamente nesse sentido. Quando estreou, ainda adolescente, ele parecia exatamente isso: um adolescente transbordante cantando soul e funk para divertir e fazer dançar.

Abertamente, descobriu MPB, bossa nova e outros bichos e virou adulto precoce, sisudo, lorrado, manietosimos vocais.

Em "Poptical", Ed Motta volta a rejuvenescer. Disco resulta "Em Espaço na Van", parceria com o tonitruante Seu Jorge e certamente a música mais gostosa que canta desde as históricas "Ma-

nuel" e "Vamos Dançar", ambas do primordial 1988.

Ali de se permite ser jovem bem-humorado outra vez, mas não fica só nisso. Em outro momento o espírito juvenil volta acompanhado de métrica maturidade. É a climática "Fox do Detetive", engraçada e sofisticada de uma vez só.

Ali se encontra a síntese agora amadurecida, mas ainda não alcançada. No mais do disco, a deliciosa cama de sintetizadores passados ainda contrasta (e às vezes se chocalha) com o pendur de Ed Motta ao barranco, ao hábito de exibir mais maturidade e consistência do que talvez ele possua de fato.

São pratos cheios para formalistas e faixas como "Minha Casa, Minha

DA REPORAGEM LOCAL

"Paula Lima", segundo álbum solo da ex-crooner da banda Funk como Le Gusta, momento de choque para sua autora.

Há dois anos ela ganhou o autônomo com "Ei Lá Lá" (pela independente Regata), em que equacionava o peso histórico de soul, funk e samba-rock com hufiores de nova geração de canto, composição e produção.

Hoje, ainda reserva grande espaço ao sangue novo (a banda reside, Seu Jorge entrega "Gafieira S.A.", aparece o bom autor Eugênio Dale), mas ao mesmo tempo se verga ao tacho da velha guarda.

Guto Graça Mello estabelece produção competente e concisa

patibilidade entre Caymmi e samba-soul, entre Lima e delicadeza.

Interessa a composição do futuro, mais que regravar de novo "Meu Guarda-Chuva" (de Jorge Ben), as faixas dos novos, a atuação de sua banda.

Ela tem 32, e o futuro promete bem mais do que já houve até aqui. Desde que saiba e consiga equacionar a turma antiga da Universal com sua própria, novinha em folha e ainda sem muito espaço nas paradas de sucesso.

(PEDRO ALEXANDRE SANCHES)

Paula Lima

Lançamento: Universal

Quanto: R\$ 25, em física

"PAULA LIMA"

Delicadeza vocal é a nova descoberta

—mas às vezes passadista. Nos piores momentos, submete Lima à canção datada de versões em português para standards óbvios de Bert Bacharach e Glenn Miller.

Outro veterano age em sentido diverso. Lincoln Olivetti, mago de teclados dos 80 depois caído em desuso, brilha nas releituras de "Estou Livre" e "Foi para o Seu Bem", ambas de sua co-autoria.

Surpresa é "Foi para o Seu Bem", lançada efusivamente por Tim Maia em 79. Lima, mais aderida ao expressionismo vocal, transforma-a em pérola de suavidade, invertendo sentidos para o ex-funk e para si. O mesmo ocorre em "Valerá a Pena", de Dorival Caymmi, o instante inesperado do repertório. Revelação é a com-

LIMA, PAULA (CANTORA)

— PAULA LIMA —

Dona de um vozeirão que a transformou na aposta da vez no meio musical,

Pelos Palcos



“Apesar de vaidosa, não sou da galera da alface. Posso dizer que nunca fiz regime. Na minha casa sempre teve estrogonofe e torta de farofa doce”

DOMINGO 8

A cantora paulista Paula Lima planeja carreira solo também na vida pessoal

Ela tá podendo

ISABEL DE LUCA

Não fosse o talento que se torna evidente ao primeiro timbre, tudo levaria a crer que o universo está conspirando a favor da cantora paulista Paula Lima. Aos 30 anos, a integrante da *big band* Funk Como Le Gusta conseguiu reunir um invejável time de expoentes da MPB em seu primeiro disco solo, *É isso aí* (nas lojas esta semana), e tem sido acolhida no meio como a aposta da vez. A moça não sai dos jornais. Pudera. Ela conseguiu feitos para veterano algum botar defeito: Jorge Benjor cedeu-lhe uma música inédita, *A paz dançando na avenida*, e Ed Motta entrou na empreitada com outras duas, *As famosas gargalhadas do Yuka* e *Perdão talvez*, das quais ainda participa com voz, instrumentos e arranjos. Como se não bastasse, o CD tem três músicas de Seu Jorge, participações do *soulman* Gérson King Combo e produção de Max de Castro. Coisa fina.

"Não foi sorte, ela só teve tudo isso porque todos sabiam que estavam participando do disco de uma artista de verdade. A Paula tem o que dizer e sabe o que quer, não fica restrita à grande voz", elogia Max. O baixista Sérgio Bartolo, produtor do Funk Como Le Gusta, é ainda mais enfático: "Essa menina tem uma presença de palco que eu, em 20 anos de carreira, só vi na Sandra de Sá e na Elza Soares." A maior prova de que todas as fichas estão na carreira da cantora é o fato de *É isso aí* ter sido gravado com estrutura de primeira em estúdios do Rio e de São Paulo, mesmo em se tratando de um disco de estréia e de um selo novo — o Regata, de Bernardo Vilhena. O letrista assina a direção artística do CD, o segundo da gravadora que lança, na seqüência, trabalhos de Seu Jorge e da Banda Black Rio.

Enquanto aguarda os shows que devem badalar ainda mais seu disco, em maio, Paula ouve as 13 faixas sem parar. "Acordo e boto para tocar no quarto. Se tenho que sair, boto no carro. Se vou à casa de alguém, boto de novo e quando me perguntam sobre ele eu falo: 'Está na minha bolsa, vamos ouvir.' Estou apaixonada e orgulhosa deste CD", diz. Simpática e falastrona, a cantora tem um bom tempo de estrada. Começou a cantar há nove anos, quando ainda estudava Direito — faculdade que pagou com o trabalho no Tribunal de Justiça de São Paulo. Desde então, fez parte de bandas como a Zomba, de soul music, e de shows da dupla Thaíde e DJ Hum. Entrou para o Funk Como Le Gusta em 1998, teve destaque no disco *Roda de funk* e aca-

bou sendo convidada para gravar o disco solo. Também participou da trilha sonora do filme *Amores possíveis*.

Quando não está trabalhando, Paula se orgulha de curtir o sobrado em que mora com a família (pai e mãe aposentados e um irmão de 19 anos), no bairro paulista de Ipiranga. "Somos bem tradicionais", conta. Assim como a música, que a faz torrar quantias exorbitantes nas *megastores* de discos, paixões como cosméticos e cinema ocupam postos importantes no coração de Paula. Os filmes que elege podem ser *cabeça*, mas não é raro ela alugar vídeos "bem mulherzinha" para assistir em casa, acompanhada de um pote de sorvete de *cheesecake* da Häagen Dazs. "Não sou da galera da alfaca, na minha casa sempre teve estrogonofe e torta de farofa doce", avisa. Também é comum encontrá-la peruando em lojas de produtos femininos importados. "Adoro saber do rímel novo que chegou", assume.

Mas as coisas estão mudando. A já bem-sucedida carreira solo chegará em breve à vida pessoal de Paula, que há três anos terminou um namoro de oito com o DJ Will Robinson. "Estou louca para morar sozinha, sinto que chegou a hora de cuidar do meu disco, da minha casa. Chegou a hora da verdade", arrisca. Poderia ter sido antes. Na época em que o Funk Como Le Gusta começou a ganhar as platéias, alguns produtores demonstraram interesse em gravar um disco só da cantora. "Mas tudo na vida tem um tempo certo e isso aconteceu agora. Cantei em várias bandas e assim amadureci musicalmente, fiquei mais segura do que realmente quero", diz. Durante esse tempo de aprendizado, Paula chegou a fazer duas apresentações — uma no Rio (no Hipódromo Up, na Gávea) e a outra em São Paulo — sem as bandas que integrava. Foi ovacionada em ambas.

E continua sendo até hoje. "Na primeira vez que a vi, num programa de TV, fiquei extasiado, olhando aquela negra linda e que ainda por cima cantava que era uma coisa. Comecei a amar essa moça ali", lembra Gérson King Combo, que dá o ar de sua graça na segunda faixa do disco *É isso aí*. A amizade entre os dois começou no ano passado, quando o dinossauro do *soul* brasileiro foi chamado para cantar quatro músicas num show do Funk Como Le Gusta, na paulicéia. "O potencial da Paula é muito forte. Quando ela quer ser agressiva, faz uma voz absurda, e quando quer ser sutil, faz um veludinho doce. São vários estilos que realizam uma grande cantora. Do jeito que as coisas estão indo, o futuro dela vai ser o céu", aposta. ■